

OLHEI PARA O CÉU

Uma estrêla,
duas estrêlas;
mil, milhões delas;
um numero infinito;
sem nuvens a encobri-las.
Hoje todas são rainhas,
donas dêste imenso céu.
Muitas se reúnem numa faixa
e formam a galáxia.
Dão-me a impressão
de que querem formar um véu,
como a proteger a terra, e mais,
todos nós, habitantes imperfeitos
dêste planêta.
Eu as contemplo.
Eu as admiro.
Talvez, único nêste momento,
que o faça com tanto tempo.
Parece que as pessoas
não olham mais para o céu.
Nem mesmo os namorados
que em dias passados,
perdiam-se amorosamente
a conta-las, carinhosamente.

Eu... a noite... o céu estrelado...
e a ...???

Onde está a lua ?
Oh! Já sei!
Ia a me esquecer.
Por certo está em outro céu,
prateando outras cidades,
outras terras,
dêste mundo que ora se desvia
dos caminhos por ÊLE, traçados.

Me deixo cair em comparações.
No céu só existem três Marias,
aqui na terra, milhões delas.
Das Dôres, dos Amôres;
da Glória, da Conceição;
d'Aparecida, d'Assunção.
Quantas meu Deus, enfim,
que se me propusesse a recordar
de todas o nome,
jamais findaria de recitá-los.
Esqueço as Marias.
O planeta Mercúrio, será habitado ?
Não sei. Quem saberá ?
Os cientistas, talvez...
Nêstes dias, tudo na ciência
é possível.
Tanto se fala em discos-voadores
que não me causaria surpresas
a notícia de que
uma nave espacial,
de um planeta qualquer
estêve a se comunicar
com os sêres da terra.
Esqueço.
Quando criança,
pensava que se a gente seguisse
o caminhar do sol,
encontraríamos a plena felicidade:
Hoje, sei que tudo isto era fantasia
da mente sonhadora d'um menino.
Sei, também, que raras são
as vêzes que conseguimos
alcançar a felicidade;
ela está sempre um pouco
mais distante do que nossos dedos
podem alcançar.

O que será aquilo ?
Uma estrêla que se desloca ?
:.....
Ah. ! Já sei o que é.
Apenas um satélite.
Há tantos vagando agora
em tôrno da terra.
Ficam a passear entre as estrêlas
como a escolher uma para namorada.
Entre tantas e tão belas,
duvido que se dêcida algum dia
a casar-se com uma delas.
Eternamente ficará passeando
nêste espaço infindo.

Penso. Penso no passado.
O que foi minha vida
até aqui?
Um céu de estrêlas?
Não.
Um céu de meteorôs ?
Também não.
Nada posso dela reclamar.
Tudo me deu e de tudo,
não me deu tudo.
Errei e apanhei e chorei.
Agi pelo certo e fui premiado.
Não choro, não lamento;
Dou graças a Deus.
E a adolescência ?
Devo-lhe tudo que sou.
O que hoje me preocupa
ao olhar o universo
de condições que me antepõem,
É esta estrada esburacada



que terei de percorrer
por um tempo indeterminado,
e que ninguém poderá determinar.
Não sou mais criança
e já deixei a adolescência.
É hora de ser adulto,
agir e ser como tal.
Peço a Deus um olhar
destinado a neste caminho
me iluminar.
Os buracos ???
Deixai-os comigo.

Petrópolis, 25 de março de 1969

Paulo Fernando Fogel